QUESTÕES PEDAGÓGICAS

NOÇÕES DE NUMISMÁTICA. MEDALHÍSTICA.

Derivação da palavra medalha. Medalhistas italianos, franceses e alemães da Renascença. Medalhística francesa contemporânea. Medalhistas brasileiros. Como se classifica uma coleção de medalhas.

I

A palavra *medalha* deriva do italiano *medaglia* que durante a Idade Média era sinônimo de *óbulo* ou de *meio-dinheiro*. Depois que as medalhas italianas foram desmonetizadas, o seu nome passou a ser aplicado a peças antigas e sem valor monetário. Mais tarde, por uma extensão natural, usou-se da mesma designação para todas as espécies de velhas peças e particularmente para aquelas que restavam da Antigüidade.

Sendo, portanto, a medalha um monumento bem distinto das espécies circulantes, veio-se a dar o seu nome, por oposição à palavra *moeda*, às peças não monetárias que começaram a ser cunhadas no século XV para comemorar acontecimentos e perpetuar a recordação ou as feições de personagens diversas, sem que essas peças fôsssem destinadas à circulação comercial com um valor legal. Assim se formou lentamente a concepção da medalha propriamente dita, monetiforme, mas distinta da moeda e cujo metal, tipos, pêsos e dimensões são ocasionais e arbitrários.

Os gregos e os romanos, salvo algumas exceções, não distinguiram em geral, entre a medalha e a moeda. Para eles uma e outra foram a mesma coisa, porque as suas moedas são simultaneamente elementos de troca e peças comemorativas. Se elas representam em todos os pontos o papel de nossas espécies circulantes, ao mesmo tempo os seus tipos dos mais variados, são frequentemente inspirados, como os de nossas medalhas, por um acontecimento de que têm por fim consagrar a memória. Eis porque, quando se trata da Antigüidade, é indiferente e igualmente justo empregar a palavra "medalha" (peça comemorativa) ou a palavra "moeda" (espécie circulante); os dois caracteres encontram-se confundidos, sem que se possam separar. E porque se considerava sobretudo nas moedas antigas o caráter histórico e comemorativo, é que nos últimos séculos os antiquários consagrados à numismática foram designados por *medalhistas*.

*

A medalha tem sido em todos os tempos, objeto de curiosidade e atenção dos homens.

Desde o seu aparecimento na época do Renascimento, com função eminentemente comemorativa, como a conhecemos nos tempos de hoje, sempre despertou o desejo de sua posse, originado por causas distintas, segundo o grau de cultura ou temperamento artístico de cada um.

A Idade Média, princípios do século XV, se atribui o aparecimento da medalha, cuja primeira cunhagem pertence à Itália, pátria dos mais ilustres artífices da Renascença. E a Vitório Pisano, mais conhecido por Pisanelo, deve-se a criação da medalha moderna, pois por medalhas antigas são designadas as moedas gregas, romanas, etc.

A Itália que surgiu da época medieval com as mais brilhantes manifestações de espírito, tem a honra de ter possuído gravadores como Benevenuto Cellini, Romano, Nicola Fiorentino, Ambrósio Foppa, Matteo del Pasti e outros mais, que modelaram personagens e fatos com beleza artística tão extraordinária, que impuseram nova expressão plástica não somente nos Estados italianos, mas além de suas fronteiras, invadindo os demais países que assimilaram o ensino dos mestres italianos, adotando-os a arte local, daí surgindo uma certa autonomia na arte das medalhas.

A habilidade dos medalhistas de cada país refletia-se então nos trabalhos que executavam, imprimindo-lhes uma característica nacional tão marcada que, mesmo um leigo da guia idiomática da legenda, determinava sem maiores dificuldades o lugar onde fora cunhada determinada peça, de que resultou uma certa facilidade em classificar os tipos estampados das medalhas italianas, francesas e alemãs do século XVI.

Saindo do seu primitivo campo de ação de homenagem pessoal, a medalha começa a entrar livremente em todos os aspectos da atividade humana, captando em seu metal acontecimentos históricos, políticos, militares e econômicos do país, transformando-a num documentário precioso da época que por sua natureza intrínseca, o tempo não conseguiu destruir.

A França, Alemanha, Inglaterra, Holanda, Suécia e Espanha contaram nos tempos modernos com habilíssimos abridores de cunho que deixaram trabalhos notáveis, muitos dos quais rivalizam com os primitivos, apesar do aperfeiçoamento mecânico da cunhagem trazer uma uniformidade ao desenho da medalha, que lhe tira

o aspecto artístico das antigas fundidas e onde se sentia a intervenção pessoal do artista.

Não podemos negar entretanto que, contemporaneamente, a arte medalhística em sua execução, alcançou um grande aperfeiçoamento e rapidez de produção e daí a sua difusão extraordinária.

A gravura é uma das mais difíceis artes do desenho, exigindo do artista uma técnica aprimorada. O gravador de medalhas é um artesão do metal, o qual não procura jamais subterfúgios para escapar às exigências de sua arte. O poder de evocação de um fato determinado ultrapassa a narrativa de uma cena meticulosamente descrita. Os gregos já o haviam adivinhado por instinto e esta sutileza intelectual exigida, tanto no artista, como no seu público, é o título a que podemos denominar — nobreza da arte.

As medalhas não só representam pela sua arte o grau de civilização de um povo, como são ainda documentos metálicos e ilustrativos da História.

*

“As primitivas medalhas, que em regra tinham módulos bastante grandes, eram feitas com modelos de cera que se reproduziam no metal — bronze ou chumbo — pelo processo da fundição. No século XVI começaram a ser feitas, também por um outro processo que depois se generalizou e que ainda hoje se adota: o tipo passou a ser primeiramente gravado a buril num bloco de aço denominado punção e em seguida transmitido sucessivamente para um cunho e para um disco de metal, por meio de um aparelho denominado *balancé*.

Atualmente o fabrico da medalha está muito aperfeiçoado; o artista limita-se a esculpir o tipo que ela há de conter, com as proporções aumentadas, numa substância plástica, para obter o primeiro modelo o qual é em seguida “formado” em gesso e depois reproduzido em bronze por meio da galvanoplastia. Aplicando-se êste último modelo a uma máquina denominada “tôrno de reduzir”, consegue-se um punção “reduzido” às proporções desejadas, com o qual se faz depois o cunho com o auxílio do “balancé”. Por fim faz-se neste mesmo aparelho a “cunhagem” da medalha.

A invenção dos processos novos não fez, porém, desaparecer totalmente o uso dos antigos, pois que ainda hoje se fazem medalhas fundidas e gravadas, do mesmo modo que no século XVI continuaram a fazer-se medalhas fundidas, depois de inventado o *balancé*.

Além dêstes processos que são os principais, podem ainda mencionar-se mais dois: o da gravura direta no metal e o da galvanoplastia (1).

MEDALHISTAS ITALIANOS DA RENASCENÇA.

Apesar de um certo progresso realizado pela arte dos gravadores, as moedas em tôda a Europa, no comêço do século XV, mantinham em tudo a sua feição do período carlovíngio. Eram sempre delgadas chapas de metal, sem espessura, de relêvo pouco sensível em ambas as faces, sem diferença de planos, sem possibilidade de modelado e impróprias para que nelas se pudesse introduzir detalhes. Os tipos, mesmo realçados pela profusão de ornatos acessórios, mostravam-se convencionais e sem vida. Eram uma imitação dos selos, de execução menos perfeita, porque a natureza mesma da gravura que devia ser reproduzida pela cunhagem no metal, não dava lugar a fazer dela um baixo-relêvo modelado, como a que se pode executar em incavo sôbre a matriz a dar a gravura em relêvo na cêra.

O gravador, ou como então se chamava, o *tailleur* de moedas, devia limitar-se quase a um desêenho linear, cujos traços deviam vir em relêvo e no mesmo plano.

Ninguém tinha tido a idéia de reatar as tradições da arte monetária antiga, nem na forma, nem no espírito das espécies, no estilo e desêenho dos seus tipos. Pelo menos a única tentativa feita neste gênero no século XIII, ficou isolada e não teve continuadores.

Foi em 15 de junho de 1390 que, imitando sob todos os pontos de vista os *aureus* dos antigos imperadores romanos, que Frederico II Novello, senhor de Carrara, mandou executar as suas belas *augustas* de ouro, que se diferenciam de modo tão notável de todos os produtos da moedagem contemporânea nos outros países.

Os gravadores anônimos de Amalfi que abriram os cunhos destas peças foram os verdadeiras precursores dos grandes medalhistas italianos do século XV. Eles cuidavam já de submeter o tipo monetário às condições de moldagem do baixo relêvo, proporcionando-lhe os mesmos recursos de expressão. Tinham tomado os moldes antigos, dêles se aproximando o mais possível, a sobriedade e o sentimento de grandeza do estilo. No busto que se vê em um dos lados destas moedas excepcionais, há certamente uma tentativa de produzir o que por muitos séculos não foi possível, uma efígie tendo um certo caráter de individualidade, um retrato mais ou menos aproximado do original.

(1). — *Medalhas Portuguezas e Estrangeiras referentes a Portugal*. Memória histórica e descritiva baseada na coleção iniciada por José Lamas, vol. I, pág. XIV, *Origem e expansão da medalha*.

No comêço do século XV tudo contribuia para uma renovação radical da arte monetária. A da Idade Média — que apesar de seus defeitos e condições demasiado impróprias que cercavam o gravador, tinha produzido obras notáveis na segunda metade do século XIII e no comêço do XIV — estava gasta, acabada, em completa decadência. Tinha perdido todo o sentimento de nobreza e grandiosidade. O sôpro que a tinha um momento animado, extinguiu-se. Os gravadores não tinham mais o gênio inventivo, nem mesmo mostravam audácia na criação. Os seus cunhos apresentavam como antes, simples ornatos, emblemas inanimados, armas, notando-se a ausência da figura humana muito difícil de ser reproduzida.

Foi da Toscana que partiu a renovação da gravura monetária, tomada de dois fatores essenciais da Renascença: a inspiração das obras antigas estudadas com paixão e a volta a uma imitação ao mesmo tempo ingênua e prudente, mas sobretudo direta e conscienciosa da natureza. Esta renovação foi primeiro independente da fabricação das moedas, cujos efeitos veio a experimentar um pouco mais tarde, ligando-se a ela de uma maneira íntima na criação de uma coisa nova — a medalha pròpriamente dita — destinada a ser um objeto de arte com a finalidade de comemorar personagens ou acontecimentos, com existência própria e absolutamente distinta das espécies circulantes, concebida dentro dos moldes da proporção, da composição e do relêvo dos tipos.

A medalha criada nestas condições particulares era desconhecida dos gregos; os medalhões romanos tinham alguma coisa de análogo, porque sua espessura e módulo os distinguiam das moedas correntes, embora não apresentassem uma forma especial da arte regida por regras especiais, nem se desse aos medalhões uma primazia sôbre as moedas.

Entre os modernos, ao contrário, por efeito das tradições oriundas da Itália do século XV, a medalha é qualquer coisa inteiramente à parte e a mais alta expressão da arte numismática. Foi nela que os gravadores patentearam tôda a extensão do seu talento.

As moedas oferecendo aos gravadores dificuldades por um programa sempre restrito, estéril e ingrato, foram sendo negligenciadas, embora seguindo a arte da medalha nas suas várias fases de deficiência e progresso artístico, até chegar ao século XV, quando a inferioridade da moeda tornou-se sensível no campo da arte, daí resultando o seguinte: enquanto a arte medalhística dos tempos modernos pode confrontar certas medalhas com outras grandiosas e perfeitas da Antigüidade, nenhuma moeda poderia suportar tal confrônto.

Notemos ainda como circunstância muito digna de observação, que o renascimento da arte monetária foi obra de um pintor e que por consequência, ela foi produzida pelos progressos da pintura, independentemente dos da escultura e de tal modo que, dadas certas relações, ela as precedeu e sobre elas influiu, em vez de sofrer-lhes a influência como a princípio se julgou. Assim, as medalhas icônicas, gênero em que o século XV italiano produziu incomparáveis maravilhas, apareceram antes dos bustos-retratos, fornecendo-lhes inspirações e modelos.

E' com efeito em 1439, ou pouco mais tarde, que tem lugar a execução da mais antiga medalha dos tempos modernos conhecida, a que representa João VII Paleólogo, penúltimo imperador grego de Constantinopla, medalhão de grande módulo. Este soberano tinha vindo à Itália para visitar o papa Eugênio IV e assistir ao Concílio ecumênico reunido sucessivamente em Ferrara e em Florença, de 1437 a 1439, onde se devia tratar da união das igrejas grega e latina.

Em 1440 entrava êle novamente na sua capital à margem do Bósforo; naturalmente foi pelo tempo em que funcionou o Concílio, que se deu a execução da medalha que conservaria para a posteridade os traços dêste Imperador, com o seu chapéu de forma extravagante.

A medalha está assinada no campo do reverso, em cima: *Opvs Pisani Pictoris* e ainda por precaução e para melhor se compreender qual a personagem nela gravada e os grandes de sua côrte, traz esta indicação repetida em grego em baixo, no exergo.

Vitório Pisano, mais conhecido sob o nome de *Pisanello*, foi com efeito o criador da nova arte das medalhas icônicas. Todos os contemporâneos o colocam entre os mais ilustres artistas do seu século. Era pintor e como tal, foi com Paolo Ucello, Piero della Francesca e Gentile da Fabriano, um dos iniciadores do estilo moderno, um dos que deram o exemplo do estudo paciente da natureza e da indagação, de um certo realismo vivo na sua imitação. Com êles quebrou a monotonia que mantinha a arte em formas convencionais, sempre as mesmas. Êstes audazes renovadores gostavam de reproduzir os homens do seu tempo tais como eram vistos na vida cotidiana e os punham até nas composições religiosas empregando sobretudo para isso os seus pincéis. Vitólio Pisano foi o primeiro em data entre os pintores de retratos; fê-los em grande número e foi mais que tudo retratista nas suas medalhas. Suas obras de pintura estão à altura das suas obras de glíptica, desconhecidas durante muito tempo, devendo-se às pesquisas feitas pacientemente por Aloísio Heiss, a descoberta de algumas.

Fig. 1. — Medalhas italianas do século XV.

Pisanelo. — Medalha de João VII Paleólogo, imperador do Oriente. 1439.

Consideremo-lo sob o ponto de vista que nos ocupa, só como medalhista. Neste ramo da arte Pisanelo deve ser pôsto entre os criadores de gênio, que têm por assim dizer marcado os limites do gênero ao qual deram êles nascimento.

De outro modo poderia talvez ter sido feito, mas não se fêz melhor, nem possivelmente superior a êle. Foi a observação dos monumentos numismáticos da Antigüidade, que inspirou a Vítório Pisanelo a concepção de suas medalhas. Estudou profundamente tudo quanto estava ao seu alcance. Serviu-se da bela forma lenticular da chapa, adotou a opposição da cabeça do anverso, ao tipo do reverso, compôsto de figuras de menores dimensões, com o espírito e o princípio de composição dêstes últimos, coisas absolutamente desconhecidas da moedagem do seu tempo. Mias ao lado dêstes empréstimos, êle têm a sua maneira própria, profundamente original e inteiramente afastado da imitação servil. As suas medalhas têm um acento pessoal, um caráter moderno e do seu tempo.

Inspirando-se muito no exemplo dos antigos, êle não copiou, nem imitou. Suas medalhas nada têm da minúcia demasiada e da secura em que caíam algumas vêzes os gravadores romanos do Alto Império, sem apresentar também o relêvo muitas vêzes exagerado das cabeças dos monumentos numismáticos helenísticos.

Há no modelado das cabeças executadas por Pisanelo uma extrema delicadeza, grande leveza de toque e um sentimento raro da fisionomia da personagem apresentada.

Os seus reversos em que se observam esforços de singular audácia, feitos com muita felicidade, são talvez mais notáveis ainda. Pisanelo introduziu muitas vêzes na composição dêstes, delicados baixo-relêvos de animais e cavalos entre outros, tratados com uma verdade e uma nobreza de formas que não se conhecia antes dêle. Seu processo que durante um século ficou sendo o de seus êmulos e de seus sucessores, é todo pessoal; não imitou do que podia conhecer das peças antigas. Assim como os moedeiros da Roma republicana ao tempo do *aes grave*, que foi a única peça da Antigüidade que pelo seu módulo atingiu as proporções das medalhas italianas do século XV, Pisanelo em vez de empregar a cunhagem, servia-se do processo da fundição e cinzelamente como alguns afirmam, embora só o primeiro têrmo seja exato. Foram sômente fundidas e os belos exemplares de sua autoria apresentam-se sem retoque depois da fundição. Essa delicada operação, também não era entregue a mãos vulgares. Os artistas disso se ocupavam em pessoa e os moldes eram feitos com a escôlha de uma terra própria para a fundição, composta de elementos de qualidade superior que êles consideravam coisa de todo essencial.

Natural de Verona, foi contudo menos beneficiado que os toscanos pela prolixidade de um Vasari. Entretanto, suas pinturas são hoje raríssimas e nós vamos considerá-lo pelos seus desenhos e suas medalhas que o revelam um artista extraordinariamente delicado, vivo, penetrante e original.

Seus contemporâneos falando de suas pinturas, louvaram seu realismo e sobretudo seu raro talento de expressão.

Para nós que examinamos seu papel de mais longe, é como o criador da medalha moderna que o poderemos julgar antes de tudo.

Mas como medalhista Pisanelo não foi somente o criador da nova arte a que se dedicou e onde continua como mestre inigualável. A medalha como êle a concebeu foi mais do que uma novidade feliz, foi ainda a arte onde se reconheceu melhor o espírito da Renascença, cuja essência e individualismo foi por vêzes violento e outras vêzes suave.

A medalha de Pisanelo trai uma individualização rigorosa, expressa por uma alegoria que devia seduzir extremamente uma sociedade curiosa de novidade, onde tudo começava a concorrer para a exaltação do indivíduo e para a glorificação dos heróis.

Esse foi o partido nitidamente formado por Pisanelo e a medalha tal qual êle a imaginou, parece a fórmula mais concisa e ao mesmo tempo melhor acabada.

O individualismo do século XV aí se contempla praseirosamente. Notemos, porém, como a medalha de Pisanelo é nova. Com efeito, desprovida de todo seu caráter monetário, vasada num mol-

Fig. 2. — Medalhas italiâneas do século XV.
Medalha de Pisanelo, por êle mesmo.

de geralmente feito de bronze ou de chumbo, não valendo senão por seu mérito artístico, ela difere de tôdas as medalhas que a precederam. Ela não imita diretamente a moeda antiga, pois esta foi sempre dinheiro corrente. Por que concurso de circunstâncias e de idéias êste grande artista veio a imaginar e a realizar esta forma abreviada do retrato? Por que sendo Pisanelo um pintor, foi levado à concepção de uma arte pertencente muito mais à escultura? Qual a intenção que êle teria pôsto nesta glorificação de príncipes e dos grandes espíritos de seu tempo?

Talvez o pressentimento da própria glória, talvez a ambição indefinida de conquistar a admiração unânime de seus contemporâneos. Eis um ponto a relevar através o estudo da obra artística de Pisanelo.

*

Embora não cheguem a um número muito considerável, as medalhas de Vitório Pisano formam uma galeria iconográfica maravilhosamente viva e do mais alto valor para a História. Como espécimes citaremos os medalhões de Afonso de Aragão, rei de Nápoles, os quais caracterizam perfeitamente a maneira do mestre; a bela disposição da cabeça no campo do anverso; o imprevisto, a grandeza e originalidade da composição dos reversos. Na mesma série nota-se ainda, entre os soberanos, o Papa Martinho V; entre os homens de guerra de graduações diferentes: Francisco de Gonzaga, marquês de Mântua; Leonello d'Este, marquês de Ferrara; Segismundo Pandolfo Malatesta, senhor de Rimini, capitães velhacos e cruéis; Inigo d'Avalos, um dos lugares-tenentes de Afonso de Nápoles; Nicolo Picinino, o mais brilhante e o mais popular dos *condotieri* da época; Filipe Maria Visconti, Cândido Dezembro e Francisco Sforza, cujos três nomes resumem um dos momentos mais dramáticos da história de Milão. Há também mulheres, entre elas Cecília de Mântua e Isolta de Rimini.

Tôdas as medalhas de Pisanelo são assinadas, com exceção da medalha de Martinho V, que não traz assinatura. Algumas trazem a data de sua execução.

Foram feitas em um lapso de tempo muito curto. A data mais antiga é a do ano 1444 e a mais recente, a de uma das medalhas de Afonso de Nápoles, é de 1449.

O artista faleceu em 1455 ou 1456. Pisanelo executava as provas de seus medalhões em bronze ou em chumbo. Os amadores do século XV procuravam mais particularmente as últimas, nas quais achavam mais perfeição.

Um caminho tão bravamente aberto não devia tardar a ser percorrido por um grande número de artistas seguindo as pegadas de Vitório Pisano.

Entre os seus discípulos e seus êmulos os mais conhecidos, deve ser citado antes do que qualquer outro, *Matteo de Pasti*, de Verona, cujo nome tomou tanta importância na história da escultura italiana depois que se soube ser êle o autor da maior parte da maravilhosa decoração interna do Templo Malatestiano e da catedral de Rimini. Mencionaremos ainda Giovanni Boldu, pintor veneziano; Guidizani; Guacialotti, autor de uma medalha do Papa Nicolau V; Constanzo, Laurana, Bertoldo, Paolo de Ragúsio e um pouco mais tarde Marescotti, Andréa de Cremona, Giulio della Torre, Giovanni Francesco de Parma, Antônio del Pollajuolo, Andréa della Robbia, todos grandes artistas, escultores ou pintores, ao mesmo tempo que medalhistas. Lugar de destaque e particularmente honroso, cabe a Sperandio que mais que todos os outros, produziu um grande número de medalhões de um modelado vigoroso.

Uma parte das medalhas do século XV são anônimas e aquelas cujos autores se ignoram, contam-se mais de uma vez entre as melhores.

Citaremos três verdadeiramente notáveis sob o ponto de vista dos retratos que elas representam. Uma tem a effigie do Papa Inocêncio XIII; outra a de Alexandre VI e a terceira a do rei da Hungria, Matias Corvino. Esta última deveria ter sido executada por um dos artistas que havia seguido às margens do Danúbio, o caminho da rainha Beatriz de Aragão, espôsa do rei Matias Corvino.

Êstes primeiros êmulos e sucessores de Pisanelo chegaram algumas vêzes a igualá-lo na execução e modelado das cabeças, na sua expressão individual e caráter das fisionomias. Mas todos lhes são inferiores na composição e realização dos tipos do reverso.

Ao findar o século XV, um artista afamado de Milão chamado Ambrógio Foppa, mais conhecido por *Caradosso*, modificava de maneira considerável as tradições estabelecidas por Pisanelo, dando definitivamente às medalhas a forma que elas depois conservaram, aproximando-as cada vez mais dos moldes que forneciam na série romana antiga os grandes bronzes e os medalhões feitos do mesmo metal. Faz seu o granulado que contorna os tipos das duas faces e a posição do reverso que êle coloca conforme o uso dos romanos, em sentido contrário ao da cabeça. Caradosso nunca abandonou esta disposição que também foi depois adotado pelos seus sucessores, devendo-se a êle as medalhas dos últimos Sforza de Milão e as dos Papas Alexandre VI e Júlio II.

Vitório Gambello, dito Comélio, excelente escultor de Veneza que viveu na mesma época, acentua ainda mais em alguns dos seus trabalhos a imitação das grandes moedas romanas, copiando o seu módulo e aproximando-se tanto quanto possível do seu estilo, como do espírito e da disposição dos seus tipos.

Este gosto que acabava de nascer e que se desenvolvia rapidamente, incrementava as coleções pela numismática antiga. Depois essas coleções foram se modificando dando lugar às medalhas modernas representando homens célebres contemporâneos, ofuscando nas coleções de amadores os grandes bronzes e medalhões romanos.

Um pouco mais tarde, Giovanni Cavino, chamado Paduano, leva esta imitação dos modelos antigos à falsificação; com o seu associado, o erudito Alexandre Bassiano, êle executa com a finalidade de uma especulação fraudulenta destinada a enganar os amadores de moedas romanas, uma série numerosa de exemplares desta época, cujo êxito foi verdadeiramente extraordinário e seu trabalho era tão perfeito, que nenhum outro falsificador aparecido posteriormente conseguiu imitá-lo na arte.

A confecção de medalhas se aproximando por seus tipos das da série romana, tal como haviam concebido Caradosso e Camélio, não impedia ainda assim de serem feitos medalhões de maior dimensão, como os do tempo de Pisanelo e de seus sucessores imediatos e durante a primeira metade do século XVI foram feitos um número infinito de exemplares de medalhas nos dois tamanhos.

Seria longa a enumeração dos nomes dos artistas que as produziram em Roma, Milão, Parma, Veneza, Florença, Siena, etc. Poderemos dizer, entretanto, que os conhecedores estimam e procuram sobretudo as belas obras deixadas por Giovanni Maria Pomello, Leone Leoni, o escultor favorito de Carlos V, de Jacopo Tæzzo, Benevenuto Cellini, mau grado sua prodigiosa vaidade estar longe de possuir um lugar entre os primeiros medalhistas, de Annibale Fontana, Alessandro Vittorio, Pietro Paolo Olivieri, todos artistas dos mais distintos no ramo da escultura.

“O medalhão do século XV na Itália, diz com autoridade Eugênio Piot, cujo conhecimento desta época é vasto e seguro, tornou-se uma moda a qual ninguém se recusava, como entre nós a moda no século XVII de gravar seu retrato a buril. Nas épocas do requinte da arte, a medalha não pertencia somente aos grandes homens, era um objeto de arte que todo o mundo podia ter. Quem sabe se uma medalha feita por um artista distinto, não seria um caminho modesto e indireto para chegar a esta perpetuidade de lembrança, cujo desêjo está no fundo de cada um de nós?”.

A galeria das belas italianas dos tempos passados, cujos medalhões nos mostram sua elegância e suas lembranças, é numerosíssima e ninguém para isso contribuiu mais do que Pastorino de Siena. Quase tôdas as suas medalhas são retratos de mulheres que formam a mais encantadora coleção de cabeças, de penteados

e de bustos emoldurados no ajuste perfeito que a moda criara e impunha.

O artista se contentava em assinar as suas obras com a inicial P, a qual se seguia uma data e assim êle ficou um desconhecido até os últimos tempos. Esquecem-se freqüentemente na grande História, os artistas que põe o seu trabalho ao serviço das mundanidades do momento e é injusto tal esquecimento, pois são êles os únicos que dão a verdadeira fisionomia do tempo em que viveram.

Um dos melhores medalhões de Pastorino representa uma dama de Ferrara, Gerônima Sacrata, que não se distiguiu provavelmente somente pela sua beleza. Pastorino foi quem melhor compreendeu a elegância da mulher mundana. Suas obras neste gênero foram executadas segundo as datas que nelas se lêem, de 1548 a 1578. Elas têm um grande valor para a história do vestuário. Nem sempre Pastorino usava da fundição para os seus medalhões que êle modelava habilmente. Executava-os também freqüentemente em cêra colorida.

Na Itália, durante a segunda metade do século XV, as medalhas obtidas pelos mesmos processos que as moedas feitas por meio da cunhagem com cunhos gravados sobre aço, tomam insensivelmente o lugar dos medalhões executados pelo processo mais simples e mais livre da fundição. Os aperfeiçoamentos técnicos introduzidos na cunhagem para a qual se começava então a empregar máquinas, permitiam fabricar, segundo este método, peças de módulo maior e de mais vigoroso relêvo. Êles davam a possibilidade de multiplicar quase indefinidamente os exemplares de um modo inteiramente mecânico, dando lugar a uma grande difusão. Foi uma das principais causas da evolução nos processos que pôs fim à execução de obras mais variadas e de um sentimento mais individual que os verdadeiros conhecedores da arte preferiram sempre. Esta evolução era, além disso, de um resultado quase fatal na harmonia que tendia cada dia mais a se restabelecer entre a gravura de medalhas e a gravura de moedas e que reunia nas mesmas mãos o exercício de uma e de outra.

A criação da arte das medalhas fundidas, tais como as concebeu a Renascença italiana na sua mais bela época, tinha sido absolutamente independente da prática do moedeiro. Seus grandes mestres foram pintores e escultores que não se preocuparam nunca com as condições particulares em que se coloca o gravador de cunhos destinados à moedagem.

Nada de aprendizagem técnica, nada de especialização. Todo o artista que sabia modelar habilmente e que era capaz de compor um tipo, podia criar uma medalha sem ter necessidade de

aprender práticas particulares, empregando nisso certa liberdade de expressão, variedade de maneiras, um estilo pessoal que não poderia existir em uma arte cuja prática reclama especialistas.

Os príncipes que desejavam ter belas moedas, levados pelo sentimento da arte e do gosto de sua época, recorreram para a execução dos cunhos, aos artistas que fôsem ao mesmo tempo medalhistas; mas, naturalmente como se tratava de lidar com uma técnica especial, êles não puderam se dirigir aos pintores e aos escultores. Serviram-se então dos ourives, tanto mais que muitos dêles já eram moedeiros, como Emiliano Orsini, de Foligno, que fabricava as moedas dos papas Pio II e Paulo III e Benevenuto Cellini, conhecido apenas como ourives, quando lhe deram a executar a gravura e cuidar também da fabricação das moedas papais. A arte das medalhas e a das moedas passou a ser, pois, e cada vez mais, duas artes estreitamente ligadas, praticadas pelos mesmos indivíduos, seguindo os mesmos métodos. A gravura dos cunhos readquiriu uma importância que havia perdido havia séculos e entrou em concorrência no fim de algum tempo, vitoriosa com a simples modelação dos medalhões destinados a serem fundidos. Aperfeiçoando mais os meios de produção, podendo dar um número mais considerável de exemplares, ela acabou por suprimi-la.

As moedas ganharam com esta revolução, mas as medalhas com isso perderam. A partir do fim do século XVI e sobretudo do XVII, o que sucedeu com a gravura de medalhas se aplica a todos os ramos da arte italiana; seguiu-se a decadência rápida e completa. As eminentes qualidades dos mestres foram substituídas pelo mau gosto, convenção banal e falsa grandeza. Todo o mérito do artista consistia numa habilidade de mão. De 1600 em diante, a história da gravura das medalhas italianas não tem mais interesse. E' uma arte que perdeu todo o valor e tôda a originalidade. A Itália deixou escapar o cetro que tão valentemente empunhara por espaço de século e meio, graças à seiva criadora que animava seus medalhistas da Renascença.

À França é que coube então êsse cetro, que foi por ela mantido por sua vez com admirável brilho durante igual período.

RELAÇÃO DOS MEDALHISTAS ITALIANOS DA RENASCENÇA E ALGUMAS DE SUAS OBRAS DE ARTE.

Vitório Pisano (Pisanelo) — Pintor e medalhista veronês (1380-1456), autor de pinturas consideradas por Vasari à altura dos melhores mestres da época. Pisanelo deve principalmente aos seus trabalhos como medalhista, a celebridade de que goza em nosso tempo. Suas pinturas perderam-se quase inteiramente e uma parte de suas medalhas teve a mesma sorte, mas as que subsisti-

ram até nossos dias são suficientes para nos dar a mais alta idéia de seu mérito. Verdadeiro criador de uma arte na qual não foi excedido, Pisanelo ficou sendo o primeiro dos medalhistas italianos pelo talento, como é o primeiro pela data. Sua obra de medalhista pertence à última fase de sua vida, sendo suas medalhas datadas de 1444, 1445, 1447 e 1449; suas peças sem data são atribuídas aos anos que vão de 1449 a 1455, época provável de sua morte; outras são anteriores a 1444 e notadamente a de João VII Paleólogo, que deve ser de 1438 ou 1439.

Medalhões.

João VII Paleólogo, penúltimo imperador do Império do Oriente, medalha fundida entre fevereiro de 1438 e outubro de 1439.

Afonso de Aragão, rei de Nápoles (3 medalhões).

Inigo d'Avales, lugar-tenente de Afonso de Nápoles.

O Papa Martinho V, medalhão sem assinatura atribuído a Pisanelo.

Gianfrancesco Gonzaga, 1.º marquês de Mântua, 1433-1444.

Cicília Gongaza, filha de Gianfrancesco.

Lodovico III, Gonzaga, 2.º marquês de Mântua, 1444-1478.

Leonelo d'Este, marquês de Ferrara, 1441-1450 (7 medalhões).

Segismundo Pandolfo Malatesta, senhor de Rimini, 1432 (8 medalhões datados de 1445 e outro sem data).

Domênico Malatesta, irmão de Segismundo, senhor de Ceseno, 1429-1465.

Nicolo Picinino, condotieri perugino, 1380-1444.

Francesco Sforza, 4.º duque de Milão, 1450-1466.

Filipo Maria Visconti, 3.º duque de Milão, 1412-1447.

Pietro Cándido Decembrio, chefe da República de Milão, 1447.

Todos êstes trabalhos são assinados, existindo outros sem assinatura atribuídos ao grande medalhista e ainda referências a medalhas suas completamente desconhecidas na atualidade.

*

Matteo de Pasti — Pintor, arquiteto, escultor e medalhista veronês. A maior parte de suas medalhas traz a data de 1446. Foi o decorador da Catedral de Rimini, em cuja côrte esteve muito tempo a serviço de Sigismundo Pandolfo, que tinha em alta consideração seus méritos de artista. Seu talento não se limitava à arte da medalhística. Matteo dirigiu a edificação do templo de São Francisco em Rimini, ao mesmo tempo que deixava traços irrecusáveis de seu valor como escultor.

Trabalhos.

Segismundo Pandolfo Malatesta, 13 medalhas.

Alberti (Leon Batista), arquiteto florentino, 1405-1472.

Guérino, célebre helenista veronês, 1370-1460.

Nafei (*Timoteio*), célebre pregador veronês, feito arcebispo de Ragusa, 1467-1470 (dois módulos diferentes).

Isota Ati Rimini, 3a. espôsa de Segismundo Pandolfo, 1456-1470 (22 medalhas diferentes).

Pasti (*Benedeto de*), irmão de Mateo (existem mais cinco trabalhos atribuídos ao artista).

*

Giovani Boldu — Pintor e medalhista veneziano. Suas medalhas datam de 1457 a 1466.

Trabalhos.

Boldu (*Giovani*), 2 medalhões.

Bruzeli ou *Burzeli* (*Pietro Bono*), músico natural de Ferrara.

Caracala (*Antoninus*), imperador romano, 211-217.

Maserano (*Filipo*), poeta veneziano, 1457.

Schilifer (*Nicolas*), músico alemão, 1457.

Vadi (*Filipo*), médico de Pisa.

*

Sperandio — Medalhista de Mântua (1440-1528). A carreira artística de Sperandio estende-se por trinta anos, compreendidos entre 1465 a 1495. Sua obra se compõe de 48 medalhas, mas somente 7 são datadas (1472-1479), tôdas apresentando um modelado vigoroso, segundo a opinião de Lenormant.

Trabalhos.

Bentivoglio (*Giovani II*), filho de Aníbal, 1443 (3 medalhas).

Bentivoglio (*Antongabazo*), filho de Giovanni II, Protonatário Apostólico em 1483, Arcediago da Catedral de Bolonha em 1491.

Brognelo (*Lodovico*), nobre mantuano.

Buonfrancesco (*Agostino*), advogado.

Caraciolo (*Marino*), conde de Santo Ângelo, 1467.

Carbone (*Lodovico*), poeta de Ferrara (2 medalhas).

Casale (*Catalano*), jurisconsulto bolonhês.

Contugni (*Fra Cesário*), Deão da Universidade de Ferrara.

Corregio (*Nicolo da*), um dos mais antigos poetas dramáticos da Itália.

Dolfi (*Floriano*), jurisconsulto bolonhês.

Este (*Sigismundo d'*), filho de Nicolau III, senhor de São Marino, em 1501.

Este (*Ercole d'*), 2.º duque de Ferrara em 1471.

Eleonora de Aragão, mulher de Hércules I, filha de Fernando I de Aragão, rei de Nápoles, casada em 1473.

Gonzaga (*Francesco*), filho do marquês Lodovico III, cardeal em 1461.

Gonzaga (Gianfrancesco II), 4.º marquês de Mântua.
Grati (Carlo), nobre bolonhês.
Laufredini (Giovani), florentino.
Malvezi (Virgilio), nobre bolonhês, embaixador em 1451.
Manfredi (Calcoto), senhor de Faenza em 1477.
Marescoti (Calcazo), de Bolonha, poeta e historiador.
Montefeltro (Frederico del), primeiro duque de Urbino.
O Papa Júlio II (Giuliano de la Rovere), cardeal em 1471 e Papa em 1503.
Pendaglia (Bartolomeu), rico comerciante de Ferrara, nomeado cavaleiro pelo imperador Frederico III (2 medalhas).
Pepoli (Guido), nobre bolonhês, conde.
Prisciani (Princiano de), de Ferrara, conselheiro dos duques Borso e Hércules I d'Este.
Guerino (Carlo), veneziano (2 medalhas).
Rovere (Bartolomeu dela), sobrinho de Sixto IV, bispo de Ferrara em 1475.
Rufino (Simone), nobre milanês.
Sanuti (Nicolo), nobre bolonhês.
Savozanella (Antônio).
Sforza (Francesco), 4.º duque de Milão em 1450
Sforza (Covela), chamada Camila Marzana, mulher de Constâncio, casada em 1475.
Tartagni (Alessandro), jurisconsulto bolonhês.
Troti (Jacobo), de Ferrara, foi secretário de Borso e de Hércules d'Este.
Agostino (Barbadiga), doge de Veneza.
Vinciguerra (Antônio), poeta satirico veneziano e secretário da República de Veneza.

(Medalhões sem legendas).

O Papa Inocência VIII.
O Papa Alexandre VI.
Matias Corvino, rei da Hungria.

*

Caradosso (Ambrógio Fopa, o) — Ourives, gravador de moedas e medalhista, natural da província de Como. Assinava-se “Caradosso del Mondo”; trabalhou em Roma com os papas Júlio II e Leão X. A época média de seus trabalhos é colocada em 1500, anulando as tradições estabelecidas por Pisanelo.

Trabalhos.

Bamante da Urbino (Donato di Antelo, chamado), arquiteto.
O Papa Júlio II (3 medalhões).
Sforza (Francesco), 4.º duque de Milão.
Sforza (Calcazo Maria), 5.º duque de Milão.
Sforza (Giangalcazo Maria), 6.º duque de Milão.
Sforza (Lodovico Maria), 7.º duque de Milão (3 medalhões).
Trivulzio (Giangiacomo), milanês, marechal de França (medalha quadrada com 2 reversos diferentes).

*

Camélio (Vitório Cambelo, denominado) — Escultor, joalheiro, abridor de cunhos monetários e medalhista veneziano. Sua primeira medalha conhecida é a do Papa Sixto IV, que deve ter sido feita em 1484, época da morte dêste Pontífice. Nesse mesmo ano, Camélio foi nomeado *Maestro delle Stampe* na casa monetária de Veneza. Sua última medalha é de 1528 e dedicada a Andréa Gritti. A carreira artística de Camélio estende-se de 1484 a 1523, sendo que em 1504 foi a época em que sua arte melhor se revelou e expandiu.

Trabalhos.

Belini (Gentile), pintor veneziano.

Belini (Giovani), pintor veneziano.

Camélio (Vitório), auto-retrato (2 peças diversas).

Castalido (Cornélio), de Feltre, jurisconsulto e poeta.

Faseolo (Francesco), jurisconsulto veneziano e Grande Chanceler do Senado em 1573.

Grimani (Domênico), veneziano, cardeal em 1493, dois medalhões, um dêles com as iniciais V. C. F.

O Papa Sixto IV, 1471.

O Papa Júlio II, 1503.

Barbariejo (Agostino), doge de Veneza em 1438.

Gritti (Andrea), doge de Veneza em 1523.

Uma plaquete sem legenda representando Hércules nú carregando um veado sôbre as espáduas. No reverso, uma albarda sôbre o qual se vê uma trípole acesa em tôrno de um instrumento de sacrifício e as iniciais V. Camélio.

*

Cavino (Giovani) — Chamado "Paduano", nascido em Pádua (1500-1570). Suas medalhas apresentam as seguintes datas: 1539, 1540, 1554 e 1565. Imitou os antigos modelos romanos, chegando à falsificação, tendo também retratado inúmeras personagens contemporâneas.

Trabalhos.

Acolti (Benedeto), arcebispo de Ravena em 1525 e cardeal em 1527.

Antonini (Floriano).

Bassiano (Alessandro), erudito paduano que se associou a Cavino em 1540 para estudar a reprodução das peças antigas.

Bataglia (Giovani).

Benavides (Gianpietro Manpietro Mantova), médico paduano, 1520.

Benavides (Marco Mantova), jurisconsulto paduano (2 tipos diferentes).
Cavino (Giovani) e *Bassiano (Alessandro)*, bustos conjugados em 4 tipos diferentes.
Contarini (Marcantonio), o filósofo, estadista veneziano, meados do século XVI.
Cornaro (Girolano), filântropo de Pádua.
Deciano (Fibério), jurisconsulto em Arouzo (Friuli), 1508.
Dulci (Giovani An.), jurisconsulto paduano.
Fracastoro (Girolano), médico, astrônomo e poeta veronês.
Gemi (Gerolomo).
Griniani (Marino), veneziano, cardeal em 1523.
Gualteruzi.
Jesus Cristo.
Lodovico (Pompeo), bolonhês.
Melsi (Giovani), jurisconsulto.
Monte (Balduino del), irmão de Júlio III (2 tipos diferentes de reversos).
Navagero (Andrea), erudito e poeta veneziano.
Ortembourg (Bernardet), conde de.
Panico (Girolamo), conde, e *Lodovico (Pompeo)*, o primeiro paduano e o segundo bolonhês. Bustos conjugados (2 reversos).
O Papa Júlio III, 1550.
Passeri (Marcantonio), paduano, professor de Filosofia na Universidade de Pádua.
Quintini (Francesco), patricio de Veneza, poeta e guerreiro.
Salvioni (Luca), jurisconsulto paduano (2 reversos).
Scaptius (Cosmus).
Verzi (Nicolo), de Capo d'Istria, jurisconsulto.
Imponi (Giampolo), paduano.

*

Pomedelo (Giovani Maria) — Pintor, gravador, ourives e medalhista veronês. Nas suas medalhas aparecem as datas 1519 e 1527, o que coloca seus trabalhos como medalhista, em média, em 1523.

Trabalhos.

Carlos V, Imperador da Alemanha em 1500 e rei de Espanha em 1516.
Canossa (Lodovico), veronês, bispo de Bayeux em 1616.
Elisabelta, de Vicência.
Emo (Giovani), veneziano, gravador em Verona em 1527.
Francisco I, rei de França.
Gonzaga (Frederico II), 5.º marquês e 1.º duque de Mântua.
Magno (Stefano), patricio de Veneza, Governador de Frevise em 1527.
Michieli (Isabela Sessa), veneziana, mulher de Giovanni (3 medalhas).

*

Leone Lioni — Ourives, escultor, gravador de moedas e medalhas; foi o escultor preferido por Carlos V. As datas de suas medalhas estão compreendidas entre 1537 e 1563.

Trabalhos.

Carlos V, Imperador da Alemanha.
Aretino (Pietro Baci), chamado o, 1492.
Bandineli (Bacio), escultor florentino.
Bembo (Pietro), veneziano, cardeal em 1538.
Buonarroti (Michelangelo), pintor, escultor e arquiteto florentino.
Ipólita Gonzaga, mulher de Antônio Carafa.
Dória (Andréa), almirante genovês (3 reversos).
Filipe II, de Espanha.
Gonzaga (Ferrante), príncipe de Guastala.
Hanna (Martin), flamengo estabelecido em Veneza.
Hanna (Daniel), filha de Martin, 1580.
Molza (Francesco Maria), literato.
O Papa Alexandre III, (Alessandro Famese), 3 reversos.
Perrenot (Antoine), cardeal de Granville e bispo de Arras em 1538.
Princesa de Salerno.
Tiziano Vecélio, ilustre pintor.
Vasari (Giorgio), de Arezo, pintor e escultor.

Medalhas atribuídas a Leone Lioni.

Carlos V, imperador da Alemanha.
Isabel de Portugal, mulher de Carlos V.
Maria da Áustria, irmã de Carlos V, espôsa de Luís II, rei da Hungria.
Filipe II, de Espanha.
Hanna (Daniel), 5 modelos diferentes.
Hanna (João de), 2 modelos diversos.
Hanna (Paulo de).
Perrenot (Antoine).
Torre (Gianelo dela), engenheiro de Cremona a serviço de Carlos V em Toledo, em 1583.

*

Trezzo (Jacopo da), escultor, gravador em pedras finas e medalhista milanês. Trabalhou muito em Espanha, principalmente em Madri em 1589. Suas medalhas trazem as datas compreendidas entre 1552 e 1578.

Trabalhos.

Gonzaga (Hipólita), mulher de Antônio Carofa, casada em 1554. Foi casada em primeiras núpcias com Fabrício Colana.
Filipe II, de Espanha.

Maria Tudor, rainha de Inglaterra, 5 medalhas.
Capua (Isabela), mulher de Ferrante de Gonzaga.
Herrera (Juan de), arquiteto do mosteiro do Escorial, na Espanha.
Padula (Ascânio), nobre italiano.

*

Celini (Benevenuto) — Ourives, escultor, gravador de moedas e medalhista florentino. Os seus primeiros trabalhos em moedas e medalhas foram feitos para o Papa Clemente VII e para o duque Alessandro de Médicis (1530-1537). E' preciso juntar a estas medalhas a de Francisco I que deve ter sido feita em 1544. Alguns numismatas descrevem 19 medalhas como sendo do grande artista florentino e lhe atribuem ainda as assinadas com o signo de Marte.

Trabalhos.

Bembo (Pietro), veneziano, cardeal em 1538.
Este (Ercole II d'), 4.º duque de Ferrara.
Francisco I, de França.
Medici (Alessandro de), 4 medalhas diferentes.
O Papa Clemente VII, 5 medalhas.
O Papa Paulo III.

Medalhas atribuídas a Celini.

Altovite (Bendo), florentino.
Este (Ipólito d'), cardeal em 1548 (2 reversos).
Lorraine (João de), cardeal em 1518.
Medici (Alessandro de), 2 moedas.
Francisco I, de França.
Medici (Alessandro), 3 medalhas.

*

Fontana (Anibale) — Escultor, ourives e gravador em pedras finas e em moedas.

Trabalhos.

Avalos (Francesco d'), marquês de Pescairo.
Lomazo (Gianpaulo), pintor e escritor milanês (a atribuição desta medalha é duvidosa).

*

Vitório (Alessandro) — Escultor. Assinava seus trabalhos medalhísticos com as iniciais A. V.

Trabalhos.

Arentino (Pietro Bacci).
Chierigata (Caterma).
Liomparda (Madalever).
Sandela (Caternia).

*

Torre (Giulio dela).

Trabalhos.

Bevilaqua, mulher de Antonio dela Torre.

Torre (Beatriz dela), mulher do conde Zeno Turchi, filha de Giulio dela Torre.

Ursa e mais os retratos de seis mulheres atribuídos ao artista.

*

Pastorino de Siena (Di Giovanni Michele de Pastorini) — Pintor, gravador de moedas e medalhista de Siena. A obra de Pastorino, catalogada e descrita, compreende 154 medalhas e é considerada ainda incompleta. 64 dêstes exemplares são datados; a data mais nova corresponde ao ano 1548 e a mais antiga a 1578. Sua produção abrange 31 anos desigualmente produtivos; o período mais fecundo é o que vai de 1553 a 1561, sendo mais fracos os primeiros quatro anos. São famosas as suas medalhas com os bustos das grandes damas italianas, além de outras individualidades de seu tempo.

Na impossibilidade de citarmos suas 154 medalhas, mencionaremos apenas os nomes de algumas damas por êle retratadas:

Antília, de Siena.
Júlia Baratieri Beatece, de Siena.
Laura Sessi de Boiardi.
Constanza Buti.
Virgínia Mazatosta.
Flamínia Coceia.
Cornélia Colona.
Girolema Colona.
Girolema Orsini.
Girolema Sacrota.
Girolema Farnese.
Cornélia Siciliana.

Atlanta Donati.
Giulia dela Rovere.
Eleonora d'Este.
Iosabela Rami.
Maria de Rojas.
Margarida da Austria.
Maria de Portugal.
Felicia de Siena Fausta Forte.
Giulia de Bolonha.
Margarida Paleólogo.
Leonora da Austria.
Isabela de Pádua.

(*Continua no próximo número*).

ÁLVARO DA VEIGA COIMBRA
da Sociedade Numismática Brasileira